

MULHER, MÃE E TOXICOMANIA***Véra Motta**

A clínica da toxicomania, na sua vertente “Família”, tem se apresentado a nós, em geral, pelo viés da mãe, razão pela qual postulamos a direção dos estudos do Grupo Toxicomania e Família para A Mãe na Psicanálise.

Uma primeira constatação, de saída, é que a Mãe não recobre a Mulher, ou seja, a Maternidade não recobre a Feminidade, em que pese ter sido este o caminho, a via apontada por Freud para a saída da menina, na edificação edípica. Com Lacan, a sexualidade feminina foi retomada não apenas a partir do edifício do Édipo, mas mais-além deste, ou seja, a mulher foi tomada segundo uma ordem que ultrapassa a ordem do falo.

Em *Sexualidade Feminina* (1931) e na *Conferência Feminilidade* (1933) Freud (1974 e 1976, respectivamente) descarta, definitivamente, qualquer paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino, o que nos leva a considerar o estado de exceção em que se encontra a mulher, no pensamento freudiano.

Sua primeira descoberta, em realidade surpreendente, diz respeito ao fato de que, nas mulheres, exerce considerável importância a fase pré-edípica, ou seja, que, por trás da intensa ligação que muitas mulheres têm com relação ao pai, sobressai uma igualmente forte ligação com a mãe, fruto de um longo período de dependência.

Freud (1974 e 1976) supõe, para as mulheres, um tríplice caminho no desenvolvimento da sexualidade: no primeiro, uma repulsa à sexualidade; a menina abandona a atividade clitoridiana, fálica, e com ela sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. O segundo caminho aponta para uma auto-afirmação de sua masculinidade, aferrando-se à esperança de obter um pênis, em algum momento. Esse “complexo de masculinidade” pode resultar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. O terceiro e último é o caminho, propriamente falando, da feminilidade, para Freud, em que a menina tomará o pai como objeto, encontrando a via feminina do complexo de Édipo.

Ocupado em desvendar aquilo que ele próprio designa de enigma da natureza da feminilidade, Freud (1976) considera que a psicanálise não deve se ocupar em descrever o que é a mulher, mas empenhar-se em indagar como é que ela se forma, como se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. Esta concepção se justifica na medida em que, para Freud, ambos os sexos atravessam da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal. Somente com a mudança para a feminilidade é que a menininha transfere sua sensibilidade do clitóris para a vagina, em que pesem os relatos isolados de sensações precoces nesta área.

Freud (1976) examina quais os motivos que teriam as meninas de afastar-se da mãe. Os complexos de desmame – a censura que têm as crianças, contra a mãe, de não terem sido amamentadas o suficiente, e o de intrusão ou ciúme – o ressentimento contra a mãe infiel, que agora se dedica a um outro ser, ou mesmo a proibição da masturbação, não parecem a Freud suficientes para explicar esse afastamento da menina em relação à mãe. O fator específico, segundo ele, inevitável para a ruptura desse vínculo primordial, é encontrado no complexo de castração: a menina responsabiliza a mãe pela falta de pênis nela e não perdoa por ter sido, desse modo, colocada em desvantagem. A menina sucumbe, portanto, à inveja do pênis (*Penisneid*), o que deixará marcas indeléveis no seu caráter e no seu desenvolvimento, somente sendo superada com grande dispêndio de energia psíquica.

Seu afastamento da mãe não se dá de uma vez, mas aos poucos. Seu amor estava dirigido à mãe fálica; com a descoberta de que também ela é castrada, toma-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade assumem o domínio da situação. Paralelamente ao abandono da masturbação clitoridiana, as meninas, ao renunciarem a uma determinada soma de atividade, podem estar se preparando, por via sinuosa, para o caminho para a feminilidade. O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, originalmente, o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou, e que agora espera obter de seu pai. Nesse caso, adverte Freud (1976), a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, de acordo com uma primitiva equivalência simbólica (Criança=Falo). Freud identifica, por último, esse desejo de posse de um pênis como sendo, por excelência, um desejo feminino.

Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis=bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo, que Freud (1976) qualifica de repouso, de refúgio, dando a entender que, se no menino, a ameaça de castração impele-o a abandonar o complexo de Édipo, recalca-lo ou ainda destruí-lo, a menina se vê forçada a abandonar a ligação com a mãe. Na ausência do temor da castração, que leva o menino a superar o complexo de Édipo, a menina se vê na situação edípica por longo tempo, o que terá conseqüências no caráter da mulher, que Freud qualifica de ser social por excelência.

Uma outra modificação na natureza da mulher é assinalada por Freud (1976). Sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha lutando até o casamento. Esta situação arrasta a libido disponível, de modo que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais. O nascimento de um filho homem mostrará o quanto o fator da falta fálica (falta de pênis, em última instância), permanece atuante na mulher: ela obtém, desse modo, uma satisfação sem limites, transferindo para seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma.

Com Jacques Lacan, são vários os momentos em que ele discute a sexualidade feminina, retomando Freud e, ao mesmo tempo, estabelecendo novas bases de sustentação teórica para apreensão do que seja “a mulher”. Situemos aqui o Seminário *A relação de objeto* (1956-57). Segundo Jacques-Alain Miller (1995), em *A lógica na direção da cura*, o Seminário IV tem como personagem principal a mãe, sendo, essencialmente, uma teoria da mãe. Recomenda também ser necessário localizar o desejo da mãe, na medida em que a mãe é também uma mulher. O primeiro ponto a se questionar é, muito justamente, o recobrimento, na teoria freudiana, entre a mãe e a mulher, ou seja, a feminidade definida a partir da maternidade. O hiato entre essas posições é o que tentaremos aclarar aqui, bem como suas conseqüências na clínica da toxicomama.

Lacan (1995) retoma o conceito freudiano de castração, nome que se dá à falta fundamental desse objeto imaginário, privilegiado, que é o falo, e que marca sua ausência no inconsciente, designando essa falta de $(- \varphi)$. Em Freud, como vimos, ele situava o desejo feminino em relação à falta desse objeto, chamando-o de *Penisneid*, ou inveja do pênis. Não há que pensar que o homem, a quem a anatomia dotou de um pênis, seja o

satisfeito. Ao contrário, também no homem esse objeto se inscreve sob a forma de subtração, na medida em que seu desejo está sempre marcado pelo signo da insatisfação, da castração, em outros termos. Para aquele que tem o órgão, em Freud, como vimos, a castração aparece como uma ameaça, e, para o sujeito que não o tem, a castração é inveja, anelo, nostalgia. Em Freud, a mulher é um sujeito que nada nem ninguém pode satisfazer, no inconsciente, e, para preencher essa falta, que dá medo às mulheres e a todos, trata-se de dar crianças às mulheres, para acalmá-las. Mas a criança não é senão um substituto, que Freud equivale ao Falo.

Entretanto, a criança não é aquilo que falta a uma mulher. Na criança, a mulher reencontra algo que tem a ver com o objeto que lhe falta, mas todos os demais objetos podem ocupar esse lugar, de substituto, sem poderem preencher, plenamente, essa falta. Aliás, essa idéia de completude guiou, por longo tempo, a psicanálise pós-freudiana, e coube a Lacan (1995) desmitificar a pretensa completude mãe-filho, um desvio da teoria freudiana. Ser mãe pode ser uma máscara, uma pseudosolução. Há que se considerar a mãe enquanto um sujeito correlativo de uma falta, que não é a falta-a-ser, como adverte Miller (1995), mas a falta de um objeto privilegiado.

A tese fundamental de Lacan (1995), nesse Seminário, é, para Miller (1995), que o determinante para cada sujeito é a relação da mulher que se encontra como sua mãe, a relação dessa mulher com sua própria falta.

Refletindo a respeito do toxicômano, interessa-nos situar aqui como esse sujeito, o toxicômano, se encontra relacionado com sua mãe, mas não só, lembrando também a forma como essa mãe se relaciona com sua própria falta, outro nome da castração. E, nesse segundo aspecto, ou seja, da relação de sua mãe com sua própria falta, deve ser lembrado um outro fator, de grande importância na economia do sujeito, e, em especial, do toxicômano: como o parceiro da mãe, ou seja, o pai, lida com a falta desta como mulher. Miller (1995) concebe uma fórmula para a análise de criança:

$$Sc \diamond [Sf \diamond (- \varphi)]$$

em que se pode ler: em cada análise de criança, há que se verificar como esta se inscreve nessa relação. Como o sujeito criança – Sc – se articula na relação do sujeito feminino – Sf – com sua falta fálica – (- φ) – e como a criança – Sc – se inscreve nessa relação. Esta fórmula, que especifica a posição da criança na análise, permitiu-nos, num primeiro momento, estabelecer uma certa correlação entre criança-toxicômano, e, num segundo momento, por via de extensão, elaborar a posição do toxicômano na cura. Desse modo, poder-se-ia pensar numa fórmula

$$St \diamond [Sf \diamond (- \varphi)]$$

que se pode ler: em cada análise de toxicômano, deve-se verificar como este se inscreve nessa relação, ou seja, como o sujeito toxicômano – St – se articula na relação do sujeito feminino – Sf – com sua falta fálica (- φ) e como o sujeito toxicômano – St – se inscreve nessa relação.

Lacan (1995) aponta para a frustração, que infelizmente mereceu, depois de Freud, um tratamento desviante, restaurando-a como o outro nome da Demanda. A frustração que primeiro aparece é a frustração da criança, com relação à mãe. Mas, acima de tudo, Lacan situa, como o plano mais importante, a frustração da mãe, a frustração da mãe como mulher, definindo-a, inicialmente, não como recusa de um objeto de satisfação, no sentido puro e simples, mas como a recusa do dom, na medida em que o dom é símbolo do amor. Lembra que essa concepção se lastreia em Freud, para quem a relação de amor comporta, fundamentalmente, não apenas um objeto, mas um ser. O dom, para ele, se manifesta ao apelo, que se faz escutar quando o objeto não está lá. Quando o objeto aí se encontra, este se manifesta como sendo, essencialmente, signo do dom, isto é, como nada em termos de objeto de satisfação.

Este jogo simbólico tem, para Lacan(1995), um caráter fundamentalmente decepcionante, lembrando a descrição feita por Freud do jogo do carretel, a experiência do *Fort-Da*, que, mais que repetição significativa, aponta para a frustração.

A partir de seu ingresso na dialética da frustração, o objeto real não é, para Lacan (1995), em si mesmo, indiferente, mas não tem necessidade alguma de ser específico. Mesmo que

não seja o seio da mãe - para responder aos analistas que se indagavam de crianças amamentadas por mamadeiras, por exemplo - nem por isso ele perderá algo do valor de seu lugar na dialética sexual, de onde se origina a erotização da zona oral. Não é o objeto que desempenha, em seu interior, o papel essencial, mas o fato de que a atividade assumiu uma função erotizada no plano do desejo, o qual se ordena no plano simbólico.

No momento em que a mãe passa de sujeito da exigência simbólica, lugar onde se pode manifestar a presença ou ausência, para mãe real, podendo recusar indefinidamente, podendo, literalmente, tudo, essa mãe passa a ser toda-poderosa. É quando aparece, pela primeira vez, a dimensão da onipotência. É da onipotência desse ser real que depende, de forma absoluta, o dom. A experiência do estágio de espelho, fenômeno que a experiência clínica com Lacan tão bem destacou, permitirá à criança capturar a totalidade de seu corpo próprio, em sua reflexão especular, onde ele se realiza de certa maneira neste outro total, experimentando um sentimento de triunfo. Mas, assinala Lacan (1995), acompanha este sentimento de triunfo, de júbilo, de exaltação, um sentimento de impotência da criança, ao perceber que esse outro total não lhe obedece.

Muitas vezes, a criança responde a essa onipotência, na relação de dependência, com sintomas, como a anorexia mental, assinalando Lacan (1995): “É no nível do objeto anulado como simbólico que a criança põe em xeque a sua dependência, e precisamente alimentando-se de nada. É aí que ela inverte sua relação de dependência, fazendo-se, por esse meio, o mestre da onipotência ávida de fazê-la viver, ela que depende da onipotência. A partir daí, é ela quem depende por seu desejo, é ela quem está à sua mercê, à mercê das manifestações de seu capricho, à mercê da onipotência de si mesma” (p. 190).

O passo seguinte na relação mãe-criança é a entrada do falo. O falo imaginário é, para Lacan (1995), o pivô de toda uma série de fatos que exigem descrição. Trata-se de um labirinto onde o sujeito, habitualmente, se perde, e onde pode mesmo vir a ser devorado. O fio para se poder sair é dado pelo fato de que à mãe falta o falo, que é porque ele lhe falta que ela o deseja, e é apenas na medida em que alguma coisa lhe proporcione, que ela pode ser satisfeita. Lacan se pergunta que papel desempenha o falo, no nível da pretensa exigência da mãe fálica, no nível de sua função imaginária. Trata-se, para ele, de saber como a criança realiza, mais ou menos conscientemente, que sua mãe onipotente tem falta

de alguma coisa, e de saber por qual via ela vai lhe dar esse objeto faltoso, que sempre falta a ela mesma.

Tal como Freud, em seus artigos sobre a sexualidade feminina, Lacan (1995) assinala que o fundamental é a relação que Freud qualifica de pré-édipiana, logo antes do Édipo, entre a relação primeira, a da frustração primitiva, e o Édipo. Trata-se, para Lacan, da etapa em que a criança se engaja na dialética intersubjetiva do engodo: “para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe que, em seu fundamento, é insaciável, a criança, por qualquer caminho que siga, engaja-se na via de se fazer a si mesma de objeto enganador. Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo. Precisamente na medida em que mostra à sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade”(p. 198).

Na medida em que se faz de objeto para enganar, a criança se vê engajada, diante do outro, numa posição em que a relação intersubjetiva é inteiramente constituída. O engano não é de efeito imediato, como se pode supor, mas tem a ver com a posição que a criança ocupa no desejo da mãe: como se trata de um desejo que não pode ser satisfeito, só se pode enganá-lo. Lacan (1995) assinala ainda que esta mãe, insaciável, insatisfeita, é alguém real, e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar - *quaerens quem devoret*. O que a própria criança encontrou, outrora, para anular sua insaciedade simbólica, vai encontrar, possivelmente, diante de si, como uma boca escancarada, que o mito da Medusa tão bem ilustra. É uma figura devoradora que a criança encontra, como saída possível em sua busca de satisfação da mãe.

Restabelecida a ligação entre maternidade e castração, desfaz-se assim o mito de uma satisfação originária. A entrada do Nome-do-Pai, regulando o Desejo da Mãe, naquela operação que Lacan batizou de constituição da metáfora patema, torna-se a escrita de humanização do desejo, ou seja, o Desejo da Mãe toma seu valor a partir de uma falta, constitutiva da mulher, que Freud nomeou como desejo eternamente insatisfeito. Isto significa que a mãe, freudiana ou lacaniana, tomada no registro da castração, também ela é submetida à ordem fálica. “A maternidade é, pois, uma posição sexual que consagra, num sujeito feminino, o sacrifício do gozo implicado pela castração”, diz Marie-Hélène Brousse (1993), apontando que a criança satura o modo de falta em que o Desejo da Mãe se

específica. Lembra, a propósito, os fenômenos clínicos da depressão *post partum*, que têm a ver com o fato de que a criança permite à mãe aceder àquilo que falta ao sujeito masculino, aceder ao próprio objeto de sua fantasia, que aparece no real.

Nossa experiência clínica com mães de toxicômanos nos comprova este fato. A maternidade pode, muitas vezes, dar lugar ao horror de um encontro com o real, pelo fato de a criança realizar o simulacro fálico, o semblante fálico; a mãe do toxicômano, assim nos parece, cedo se apercebe do engano, quanto mais este apareça revestido de uma vestimenta ainda mais enganosa, um pênis, agregado ao filho menino que se lhe apresenta.

Este horror aparece, na clínica, manifesto em alguns fenômenos de turbulência pós-parto, seja sob a forma de infecções, que afastam, necessariamente, a criança da mãe, seja de depressão, com todas as conseqüências psíquicas que irão advir. É como se cedo fosse denunciado, aos olhos da Mãe, que a Criança não pode ocupar o lugar do Falo, de que ela tanto necessita, testemunhando-se, nesta ocasião, que também o parceiro, o Pai, não parece ser aquele que responderá a esta Demanda. Do lado da Criança - essa é a nossa suposição - parece ocorrer aquilo que Lacan designa de folia fálica, ou seja, o menino acredita ser o Falo para a Mãe.

Nessa identificação, que lhe é mortífera, a Criança=Toxicômano busca, a todo preço, encontrar aquilo que deverá suprir essa insatisfação constitutiva de toda mulher, e que a Mãe não esconde. Por via da droga, busca apreender o gozo Outro, gozo próprio do feminino, que, contudo, lhe escapa. A Mãe, alienada em seu Desejo, mantém-se no lugar de uma suplência, suplência da ausência do significante de A Mulher, numa modalidade metonímica: ela introduz a Criança=Toxicômano como objeto, colocando o corpo como imagem para a questão do real do gozo. Desprender-se desta posição aponta, invariavelmente, para a questão “O que quer a Mulher?”, questão que a coloca na mesma trilha que tantas outras mulheres, em suas diferentes posições femininas. Dirigir essa pergunta ao Outro aponta para a via da análise, único lugar de abrigo para o mal-estar que a civilização engendra, para o ser falante.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

BROUSSE, Marie-Hélène. Ser Mãe, Ser Mulher; Mulher ou Mãe? *Revue de Psychanalyse, L' Autre sexe*, p.30-3,, Diffusion Navarin Seuil, 1993 (La cause freudienne). Tradução livre de Véra Motta.

CLASTRES, Guy. A significação do falo. *Transcrição 6*. Salvador: Fator, 1990 (Publicação da Clínica freudiana).

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras

Psicológicas Completas. v. XXI, p.255-79. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Conferência XXXIII Feminilidade. In: _____. Edição Standard..., v.XXII, p.139-65. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FLEISCHER, Deborah. El goce mistico y del “toxicomano”.

LACAN, Jacques. *O seminário; livro 4*; a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário; livro 8*, a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992 (O Campo freudiano no Brasil).

_____. *O Seminário; livro 20*, mais ainda. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAURENT, Éric. Os dois sexos e o Outro gozo. *Revue de Psychanalyse...*, p.3-4. Tradução livre de Arlúcia Fauth.

MILLER, Jacques-Alain. *A lógica na direção da cura*. Elaboraões sobre o Seminário IV de Jacques Lacan, A Relação de Objeto. Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.

SOLER, Colette. O não-toda. *Opção lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de

Psicanálise, 9, p. 43-8, janeiro/março 1994.

* Texto apresentado na VII Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, na Mesa-Redonda “Psicanálise e

Toxicomania”, Grupo Toxicomania e Família do CETAD/UFBA, em Salvador, 1995.